

MOURA, Marisa Decat (Org.). *Psicanálise e Hospital – Novas versões do pai: reprodução assistida e UTI - 4*. Belo Horizonte: Autêntica/ FCH-FUMEC, 2005. 216 p.  
ISBN 85-7526-160-6.

### **Isabella Cristina Rodrigues**

Aluna do 4º período do curso de Psicologia da UNIPAC – Ubá

Marisa Decat Moura é psicóloga, psicanalista e Mestre em Psicologia pela Universidade Louis Pasteur em Strasbourg, França. Coordena a Clínica de Psicologia e Psicanálise do Hospital Mater Dei - Belo Horizonte/MG. É também coordenadora e professora do curso de Pós-Graduação Lato Sensu, especialização em Psicologia Hospitalar pela Universidade FUMEC – Belo Horizonte/MG. Fundadora e presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar no biênio 1999/2001. Organizadora e co-autora dos livros: *Psicanálise e hospital – A criança e sua dor*; *Psicanálise e hospital 3 – Tempo e morte: da urgência ao ato analítico* e da *Revista Epistessomática 1 e 2*. É autora de diversos artigos de revistas nacionais e estrangeiras.

*Psicanálise e Hospital – Novas versões do pai: reprodução assistida e UTI* é uma obra composta por 21 artigos, organizada por Marisa Decat Moura, com a colaboração de autores brasileiros e franceses. É um livro que promove um encontro da psicanálise com a Medicina, em que são debatidos temas como: as inovações tecnológicas referentes aos problemas da reprodução assistida; o que ocorre em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) para recém-nascidos; a angústia materna quanto ao futuro do bebê e do companheiro que se torna pai; a fragilidade do homem que não consegue tolerar o anúncio do Outro de que será pai e a questão da prematuridade.

A obra destaca, também, as perdas do investimento sexual na companheira que se torna mãe; os problemas da obesidade e as crianças superdotadas que utilizam a inteligência como máscara protetora de seu sofrimento.

Alguns textos contêm relatos de casos clínicos nos quais é evidenciada a importância do dever ético e da presença do analista nos hospitais nesse momento do desenvolvimento científico. Porém, é em torno do conceito e da função de Pai que a obra se desenvolve. Trata-se de um tema que permanece constantemente em discussão na psicanálise. “A interrogação – o que é o pai? – está formulada no centro da experiência analítica como eternamente não

resolvida, pelo menos para nós, analistas". (LACAN, 1994, p. 383).

A psicanalista Françoise Hurstel em seu texto, *O anúncio feito ao marido ou os três tempos do acesso à paternidade*, esclarece que o nascimento de uma criança é fonte de alegria, mas ao mesmo tempo fonte de angústia, às vezes negada e recalçada. É hora do homem, além dos papéis que já tem como de filho e de marido, introduzir também o papel de ser pai, que muitas vezes pode ser encarado como uma experiência crucial. E é nesse momento que aparecem sintomas passageiros como: aumento de peso, perturbações digestivas, vômitos, dores abdominais e, até mesmo, casos mais sérios de perturbações mentais que vão das crises de angústia a comportamentos violentos, agressivos e o afastamento pela fuga. A amplitude da emergência das "pulsões auto ou heterodestrutivas" contribui, em alguns casos, para a entrada na psicose.

Já no texto *Um pai e seu bebê: versões do pai na constituição do sujeito*, a psicóloga e psicanalista Maria de Guimarães de Almeida Barros nos apresenta algumas considerações sobre a instituição da função paterna na constituição do sujeito. Ela cita Freud, com o mito edípico, do pai que tinha lugar de destaque nas teorias das estruturas clínicas e que afirmava seu estatuto simbólico na constituição da realidade psíquica. E refere-se a Lacan que retoma essa questão ao introduzir o termo "Nome-do-Pai", dando-lhe nova direção.

Então, a psicanálise vai tomar emprestado da religião cristã o termo Nome-do-Pai, como tentativa de ir além do Édipo. É nesse momento que pode ser percebido um dos diferenciais entre Freud e Lacan. Enquanto, para Freud, o complexo de Édipo engloba três elementos (pai-mãe-criança), Lacan o situa numa lógica a quatro elementos. Esse quarto elemento que entra em jogo é o falo, e é nesse momento que Lacan leva adiante a Lei da linguagem. A partir daí, o pai passa ter o encargo de representar essa Lei da linguagem que lhe preexiste. Entretanto, o que tornaria possível essa Lei poderia ser mais o falo do que o pai, ou seja, a linguagem de que o pai é revelador. Percebe-se, então, que o pai sempre foi um termo de referência, seja ele o genitor ou não; e o vestígio que o pai deixa no discurso é o Nome-do-Pai, que assume valor estruturante para o sujeito por estar mais-além do desejo da mãe. (DURÃO, 2005, p. 156)

Com o texto *A posição do especialista diante das técnicas de reprodução assistida: pai, Deus ou simplesmente o médico?*, a Doutora em Ginecologia

Maria do Carmo Borges de Souza explica as diversas técnicas de reprodução assistida utilizadas atualmente nos hospitais e expõe, também, suas preocupações humanistas diante dos efeitos da tecnologia.

Em *Reprodução Assistida: “Um saber sem verdade” e “Um saber não sem verdade”*, Marisa Decat de Moura, leva a refletir sobre o que aconteceu no século XX - cenário de grandes avanços no campo da ciência - e o que a prática e a teoria psicanalítica podem nos dizer sobre a leitura da subjetividade no campo da reprodução assistida. A autora nos revela que o pai patriarca foi mutilado, ou seja, houve um declínio dessa imagem social. Atualmente há a presença do “pai/provedor”, que além de ser reconhecido em seu trabalho, é valorizado junto ao filho. E a “mãe/socializadora” continua junto ao filho, mas agora é também valorizada no mercado de trabalho. A autoridade da função paterna muda, dando origem a certa igualdade entre o pai e a mãe, o que leva a uma “tomada de consciência paterna”, pois o pai passa, agora, a buscar respostas para esse desequilíbrio instaurado pelas mudanças. E ao desacreditar o poder do pai, torna mais difícil sua intervenção como agente da função estrutural. Nesse momento, o analista se vê diante do desafio dessa clínica, o qual traz a crença de que “tudo é possível” ou “nada é impossível”.

No caso da reprodução assistida, a autora evidencia que os procedimentos usados hoje pela ciência, em nossa cultura, querem eliminar totalmente o mal-estar “a qualquer preço”. E o fato de não poder ter filhos também entra nessa lógica e é considerado pelo discurso científico como uma doença que deve ser curada e tratada, a “todo custo”.

O texto *“Nada como o tempo...” Prematuridade e trauma*, a psicóloga e psicanalista Léa Neves Mohallem trata da questão do bebê prematuro e nos faz refletir sobre o que comporta essa experiência e seus efeitos em relação ao bebê e aos seus pais, pois durante toda a gravidez, o bebê vai sendo construído e representado nas fantasias dos pais. Mas quando esse bebê vem tomado por palavras como prematuro, má-formação e risco de morte, os pais antecipam a perda do filho e evitam fantasiar seus desejos narcísicos. Segundo a autora, “nada como o tempo” para amenizar o sofrimento de um nascimento marcado pela ruptura.

A psicóloga e psicanalista Maria de Lourdes de Melo Baêta, em seu texto *O Pai na outra cena da UTI neonatal*, relata um caso clínico muito comum de ocorrer em UTIs neonatal. A maioria das gravidezes por reprodução assistida

resulta em nascimento de crianças gêmeas ou trigêmeas, prematuras, que ficam em UTIs neonatal por vários dias, sem garantia de sobreviverem. É nesse momento que tanto o pai quanto a mãe vão acompanhar pioras, melhoras, complicações referentes aos procedimentos invasivos e passam a entrar em luto pela perda de seus ideais.

No texto, *Um novo Pai*, da psicanalista Gilda Vaz Rodrigues, o assunto abordado é sobre o pai inscrito pela mãe na relação com o filho. O pai, de extrema importância, é que introduzirá a lei que proíbe a criança de desejar a mãe. Quanto a isso, a psicanálise revela que “nossa relação com o mundo e com nós mesmos não se opera por meio de um objeto, mas pela falta de um objeto, perdido e, paradoxalmente, nunca tido”. (p. 179). Mas com o desenvolvimento da ciência moderna há um declínio nessa função paterna, o que não implica o seu desaparecimento, mas sim a transmutação com relação ao seu estatuto, ou seja, surgem novas versões do pai.

A coletânea *Psicanálise e Hospital - 4 - Novas Versões do Pai: Reprodução Assistida e UTI* apresenta pesquisas recentes sobre um tema em estudo pela psicanálise desde o seu princípio. Os textos elaborados por diversos autores exaltam a importância das várias e novas versões do Pai, originadas do discurso científico da modernidade. É uma obra direcionada a psicólogos, psicanalistas, médicos e estudantes de Psicologia que almejam trabalhar em hospitais, lugar de dor e sofrimento. O conteúdo dessa obra traz aos profissionais da área de saúde reflexões que possibilitam aos pacientes a escuta de suas palavras, atribuindo a elas um sentido que marca a subjetividade de cada indivíduo na questão de seu sofrimento.